

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA - LICENCIATURA**

**DULCE DE MEDEIROS BOFF SCHEFFER**

**ARQUITETURA PEDAGÓGICA DE *PROJETOS DE APRENDIZAGEM*:**

**Um novo olhar sobre a prática em sala de aula**

**Três Cachoeiras**

**2010**

DULCE DE MEDEIROS BOFF SCHEFFER

**ARQUITETURA PEDAGÓGICA DE *PROJETOS DE APRENDIZAGEM*:**

**Um novo olhar sobre a prática em sala de aula**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACED/UFRGS

Orientadora:

Profa. Dra. Marie Jane Soares Carvalho.

Co-orientadora:

Profa. Dra. Juliana Brandão Machado.

**Três Cachoeiras**

**2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

**Diretor da Faculdade de Educação:** Prof. Johannes Doll

**Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD:** Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho



## AGRADECIMENTOS

Antes mesmo de iniciar a caminhada no Curso de Pedagogia já pude contar com o apoio e a confiança de muitas pessoas; depois vieram os colegas e tantos profissionais da educação que engrandeceram meu trabalho e minha vida pessoal. Com eles, partilho a alegria desta etapa e não poderia deixar de agradecê-los...

A Deus, pois, sem sua ajuda, nada teria sido possível.

Ao meu esposo e aos meus filhos, pela confiança, pelo apoio e paciência diante das minhas limitações, sobretudo pelo tempo dedicado aos estudos.

Às minhas irmãs, colegas de profissão, pelas valiosas sugestões e incentivos para seguir em frente.

Aos amigos, pelas conversas e pela compreensão das minhas ausências.

Aos colegas, em especial ao grupo de estudos: Luana, Liziani, Jucimara e Fabiana, por caminharem junto comigo, oportunizando aprender com eles e à minha filha Débora, com quem pude desabafar diante dos desafios e dividir as angústias e sucessos.

Aos professores e tutores, em especial a Juliana, que possibilitaram meu crescimento e um novo olhar sobre a minha prática de sala de aula.

À querida tutora Maria José, que com seu jeito simples conquistou minha amizade e esteve presente, mesmo que online, durante todos os semestres, me encorajando e mostrando que todo o esforço era válido.

À direção, aos professores e aos alunos que participaram deste trabalho, sobretudo os que junto comigo descobriram uma nova maneira de ensinar e aprender: os *Projetos de Aprendizagem*.

À professora Marie Jane, pela orientação deste trabalho e por conduzir-me com muita sabedoria e paciência.

A mente que se abre a uma nova ideia,  
jamais voltará ao seu tamanho original.

Albert Einstein

## RESUMO

A experiência de um professor durante muitos anos pode apresentar estrutura e resultados diferentes, dependendo da prática pedagógica que vivencia. Ao mesmo tempo em que esta prática é vivenciada, necessita ser refletida e readaptada ao contexto escolar em que está inserida, e proporcionar a construção do conhecimento aos alunos e ao professor. Quando o professor se permite refletir e avaliar sua própria proposta de prática pedagógica, é capaz de desafiar-se à mudança. As reflexões que aconteceram diante de uma prática escolar já estabelecida provocaram inquietações e, através de estudos e o desenvolvimento de uma nova metodologia de ensino baseada na arquitetura pedagógica de *Projetos de Aprendizagem*, permitiram visualizar uma nova forma de ensinar. Comparando o desenvolvimento e os resultados desta nova metodologia com a prática escolar vivenciada durante 30 anos, surge a pergunta central deste Trabalho de Conclusão: *Por que uma prática baseada na arquitetura pedagógica de Projetos de Aprendizagem pode tornar a prática de sala de aula diferente?*. Para essa inquietação, foi necessário analisar teoricamente dois modelos de práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula e relacioná-las às formas de aprendizagens proporcionadas por cada uma delas. Observar e analisar os detalhes que compõem uma prática pedagógica é essencial para entender teoricamente no que está baseada cada experiência. Foram analisados e comparados o planejamento e a avaliação realizados pelo professor, a produção textual, a leitura, a interpretação e os conceitos matemáticos desenvolvidos pelos alunos. A pesquisa participante aplicada no espaço escolar, numa turma de 2º ano, é que permitiu que fossem levantados os dados da experiência com *Projetos de Aprendizagem*. Esta foi capaz de mostrar o quanto uma prática baseada em uma arquitetura pedagógica aberta proporciona a construção da aprendizagem autônoma. Os aspectos analisados mostram as diferenças entre duas práticas distintas, vivenciadas num mesmo contexto escolar: de um lado, uma prática *repetitiva*, com aulas planejadas exclusivamente pelo professor e visando resultados iguais para todos os alunos, de outro, a prática de *Projetos de Aprendizagem* como uma prática inovadora, na qual os alunos, partindo de suas curiosidades, aprendem a aprender. Com os *Projetos de Aprendizagem*, o planejamento se mostra mais flexível e aberto aos interesses dos alunos; a produção textual, a leitura, a interpretação e os conceitos matemáticos são aprendizagens que se adaptam e acontecem paralelamente ao desenvolvimento da pesquisa; a avaliação é reorganizada e os registros das pesquisas substituem provas e servem como autoavaliação. A principal diferença está em refletir sempre a prática que vem sendo vivenciada, desafiando o professor e os alunos a irem em busca de seus interesses e inquietações.

Palavras-chave: prática pedagógica, *Projetos de Aprendizagem*.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>9</b>  |
| <b>2 PRÁTICA PEDAGÓGICA.....</b>   | <b>12</b> |
| <b>2.1 <i>Projetos de Aprendizagem</i>.....</b>                                | <b>14</b> |
| <b>3 CAMINHOS PERCORRIDOS.....</b>   | <b>17</b> |
| <b>3.1 A Escola.....</b>   | <b>17</b> |
| <b>3.2 A Turma.....</b>  | <b>19</b> |
| <b>4 COMPARANDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.....</b>                                  | <b>21</b> |
| <b>4.1 A prática pedagógica antes dos <i>Projetos de Aprendizagem</i>.....</b> | <b>25</b> |
| <b>4.1.1 Planejamento.....</b>   | <b>25</b> |
| <b>4.1.2 Produção textual.....</b>   | <b>26</b> |
| <b>4.1.3 Leitura e interpretação.....</b>                                      | <b>26</b> |
| <b>4.1.4 Conceitos Matemáticos.....</b>  | <b>27</b> |
| <b>4.1.5 Avaliação.....</b>  | <b>27</b> |
| <b>4.2 Um novo olhar sobre a prática: <i>Projetos de Aprendizagem</i>.....</b> | <b>28</b> |
| <b>4.2.1 Planejamento.....</b>   | <b>29</b> |
| <b>4.2.2 Produção textual.....</b>   | <b>30</b> |
| <b>4.2.3 Leitura e interpretação.....</b>                                      | <b>30</b> |
| <b>4.2.4 Conceitos Matemáticos.....</b>  | <b>31</b> |
| <b>4.2.5 Avaliação.....</b>  | <b>32</b> |
| <b>5 ANALISANDO MINHA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....</b>                              | <b>34</b> |
| <b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>37</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>39</b> |
| <b>ANEXOS.....</b>   | <b>40</b> |



## 1 INTRODUÇÃO

Minha experiência como professora teve início há 30 anos e durante todo este tempo sempre estive em sala de aula. Lecionei na Educação Infantil com o Pré-Escolar e em todas as turmas das séries iniciais do Ensino Fundamental. Durante todo este período estive submetida a vários desafios, buscando o aperfeiçoamento e a qualidade do ensino.

Os desafios foram, principalmente, em relação a escuta de colegas que chegavam na escola trazendo novos modelos de aulas e projetos que já haviam realizado em outros momentos e que consideravam eficientes para serem trabalhados. Nas reuniões pedagógicas esses modelos eram adaptados e reorganizados para serem aplicados em nossa sala de aula. Cada professor organizava conforme as necessidades de seus alunos e relacionados de acordo com os conteúdos a serem trabalhados.

Quando falo em aperfeiçoamento volto no tempo em que passávamos semanas em encontros organizados pela Delegacia de Educação, hoje com o nome de Coordenadoria de Educação, que ofereciam cursos de diversas áreas do conhecimento onde passavam, para nós professores, “fórmulas prontas” para serem aplicadas com os alunos.

O meu trabalho seguiu caminhos diferentes. Por muito tempo, usei o método tradicional, ou seja, o uso somente de livros didáticos. O que estes traziam em seu contexto é que eram considerados corretos. Ensinar para mim era propor textos, interpretação, problemas em que todos os alunos teriam que dar a mesma resposta, prevalecendo apenas a do livro ou a minha. Não estava presente a ideia de dar espaço para que os alunos pudessem pensar, problematizar, refletir e construir.

Com o passar dos anos começa a surgir o método construtivista, sendo no início uma transformação na vida dos professores tão acostumados com planejar, passar seus conhecimentos ou o que se encontrava em livros didáticos e num

determinado espaço de tempo aplicar provas para conferir se os alunos haviam assimilado os conteúdos dados ou não; estas provas serviam também para aprovar ou reprovar.

O construtivismo se apresentava totalmente contrário à prática que vinha sendo desenvolvida, pois foi interpretado no início como uma metodologia na qual os alunos realizavam apenas o que queriam; o professor deixava de ser autoritário e perdia totalmente o controle dos alunos. Logo, esta nova prática foi perdendo suas forças, pois mais uma vez era apresentada a nós professores, mas não estudada, questionada e refletida.

Durante muito tempo as práticas eram confundidas, e a base real daquilo que planejávamos não existia, pois mesmo diante de inovações que se apresentavam, a escola apenas acolhia as propostas e as aceitava como certas. Mas o tempo foi mudando e a prática de sala de aula tinha a necessidade de ser transformada. Novas formas de trabalho foram sendo aplicadas e testadas, mas ainda era notável o hábito de repetir velhas experiências, como se os alunos e o tempo fossem os mesmos.

Depois de 25 anos de atividade docente me propus a estudar novamente. Desde que iniciei minha caminhada no curso de Pedagogia à distância, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, senti a minha prática pedagógica sendo questionada e as minhas convicções contestadas por mim mesma.

Acredito em muitas destas práticas que propus ao longo dos anos da minha atividade docente e considero toda esta experiência positiva, pois estas é que foram refletidas. A partir destas reflexões é que decidi mudar a minha prática de sala de aula experimentando uma proposta baseada na arquitetura pedagógica de *Projetos de Aprendizagem*.

Esta prática se mostra diferente na sua organização, nos resultados, no envolvimento dos alunos, na minha forma de ver e entender a educação. Os resultados me surpreenderam e me provocaram curiosidades quanto à proposta e seus resultados, e, mesmo acreditando que esta inovação se relaciona inteiramente a mudança que me permiti enquanto educadora, surge a dúvida que hoje é a base do meu Trabalho de Conclusão do Curso: *Por que uma prática baseada na arquitetura pedagógica de Projetos de Aprendizagem pode tornar a prática de sala de aula diferente?*

Assim, inicio meu estudo questionando e definindo práticas pedagógicas, até o momento em que me permito entender e destacar todos os aspectos que se mostraram diferentes desde que a nova metodologia passou a ser vivenciada em minha sala de aula.

## 2 PRÁTICA PEDAGÓGICA

Compreender a definição de prática pedagógica requer, primeiramente, um olhar histórico, de maneira a perceber que, conforme as transformações da sociedade alteram-se também os conceitos. Assim, não é possível falar de realidade educacional sem também fazer referência aos aspectos sociais, econômicos e culturais, por exemplo.

A prática pedagógica, para Maria Antônia de Souza (2010), deve ter relação com a vivência social, partindo de um contexto maior - não apenas na esfera escolar -, que ao produzir aprendizagem desenvolve a ação política, como também pode ser aquela em que são oferecidas atividades que levem a transformação com o despejo de conteúdos a serem cumpridos.

Ilma Veiga (1989: 19) esclarece que *a prática pedagógica é uma dimensão da prática social*, ideia aqui analisada no contexto em que se direciona ao professor de Didática. A prática pedagógica deve estar baseada na realidade da escola e no meio social e está relacionada à teoria e à prática, onde uma influencia e modifica a outra, formando uma unidade. A partir desta relação, distinguem-se duas perspectivas de prática pedagógica: a prática repetitiva e a prática reflexiva.

A primeira rompe a unidade teoria e prática e tem por base leis e normas pré-estabelecidas e o professor já tem definido o que se quer fazer e como fazer. Não há, neste sentido, preocupação em mudar a realidade, nem a prática tem aspectos de mudança, repetindo e imitando outras ações. O professor é um mero executor, desenvolvendo uma prática já definida pelos órgãos competentes. Falta-lhe, entre outros aspectos, estabelecer relações da educação com a sociedade, ter consciência das finalidades da educação e espaço para a reflexão da própria prática pedagógica.

A esta perspectiva pode-se relacionar a Pedagogia Tradicional apresentada por Veiga (1989: 43), vertente inspiradora da escola pública, visto que acreditava que os homens são iguais e à escola caberia difundir os conhecimentos a todos para que pudessem ser cidadãos esclarecidos e autônomos com relação ao destino. Algumas características que correspondem a essa prática são:

- o professor como elemento central de transmissão de conhecimento, de verdades universais;
- o aluno é educado para seguir atentamente a exposição do professor e ser responsável pela própria realização como pessoa;
- o método pedagógico é expositivo;
- a valorização do livro didático, da leitura e do quadro-negro;
- o relacionamento entre professor e aluno se dá de maneira hierárquica e autoritária. Entre os alunos não há necessidade de comunicação;
- a disciplina é a forma de conseguir atenção, silêncio e ordem;
- o professor é o centro do processo de aprendizagem e concebe o aluno como um ser passivo e receptivo.

Já a prática reflexiva tem como característica principal o não rompimento da unidade entre teoria e prática. Ela não segue um modelo previamente elaborado; ao contrário, esta prática é criativa, procura compreender a realidade, atuando sobre a prática social e produzindo mudança. A prática, nesta perspectiva, envolve professor, aluno e realidade.

Semelhante a estas considerações são as abordadas por Souza (2010). Para esta pesquisadora, as práticas pedagógicas também podem ser classificadas em dois modelos, denominadas de reprodutivas e práticas que geram inquietações.

Práticas voltadas à preocupação e necessidade de controle dos alunos; escola encarada com falta de interesse, sem sentido; projetos elaborados pelo professor onde os temas abordados são aqueles que ele julga necessário são exemplos do que a autora chama de *prática reprodutiva*.

As práticas que geram angústia entre os professores e interrogações quanto à sua prática são *o melhor caminho para a educação*, segundo Souza (2010). Trata-se da concepção de uma prática de inquietação, onde o conhecimento se dá através de problematizações e não de conteúdos prontos e provoca o professor à mudança.

Percebe-se que, nestes últimos anos, no Brasil, houve mudanças tanto no campo social como no cultural. Dentre outros, é ressaltado o avanço da tecnologia, com informações imediatas; mesmo que ainda hoje um grande grupo não tenha acesso a Internet, seus recursos estão presentes em diversos ambientes e se faz necessário saber utilizá-los. Tratam-se de realidades como terminais bancários informatizados, pessoas codificadas via carteira de identidade ou cartão de crédito, por exemplo, além de inúmeras senhas.

Souza (2010) afirma que a modificação central da sociedade brasileira refere-se à construção democrática e à liberdade de expressão de ideias. Diferente de outras épocas, na atualidade os alunos falam o tempo todo.

Neste contexto de uma prática inquietadora, surgem novas possibilidades de definir e organizar novas práticas e estas que podem significar uma nova definição de prática pedagógica. A seguir, será analisada a prática de *Projetos de Aprendizagem*.

## **2.1 Projetos de Aprendizagem**

Ao analisar o conceito “prática pedagógica” a partir da metodologia de *Projetos de Aprendizagem* é preciso observar o que Lea Fagundes (1999) traz acerca das diferenças entre ensino por projeto e aprendizagem por projeto. No primeiro o professor é entendido como o sujeito que ensina, preparando e organizando segundo as necessidades que observa, já no segundo o aluno é agente de sua própria aprendizagem, sendo esta a abordagem deste capítulo.

A aprendizagem por projeto, aqui denominada de prática de *Projetos de Aprendizagem*, estabelece uma nova organização, aberta e flexível, completamente ligada às transformações do mundo da qual fazem parte os alunos e toda a escola. Ela surge como uma proposta de inovação.

Quando se fala em mudanças do mundo e realidade do aluno, é importante lembrar a forma como estas são trazidas para o planejamento escolar, pois a partir desta nova proposta de prática, os aspectos de transformação são trazidos diretamente para a sala de aula, como recursos indispensáveis para o processo de aprendizagem.

Um exemplo claro se relaciona ao uso das Tecnologias da Informação e Comunicação, importantes para a nova proposta que se apresenta, enriquecendo

nesse contexto a sala de aula, pois permite ao sujeito a busca de informações para a sua curiosidade, favorecendo a aprendizagem autônoma. (FAGUNDES, 1999).

A prática pedagógica que faz uso destas tecnologias conta com um importante recurso capaz de facilitar as aprendizagens, diversificado na linguagem e nas informações que possibilita e apresenta. É uma forma de introduzir as transformações do mundo no currículo escolar, vinculando inovação tecnológica e inovação pedagógica (PEIXOTO, 2008).

A proposta segundo Léa Fagundes (1999) pode ser entendida a partir de alguns passos básicos que podem ser adaptados conforme a turma em que é desenvolvido, o ritmo de cada aluno ou grupo de pesquisa, abaixo descritos.

Esta prática trata de projetos de pesquisa, que respeita ritmos de aprendizagem, parte da curiosidade, das dúvidas e inquietações do aluno e a motivação é própria; é o sujeito que pensa para expressar suas dúvidas, é agente de seus conhecimentos, instigado por um professor desafiador. Tem sua base na teoria de Piaget, prevendo a autonomia tanto na busca de informações, quanto na análise delas.

No início é definida uma pergunta central, ou seja, o aluno expressa suas dúvidas ou curiosidades, formulando uma questão que tenha significado para ele ou para um grupo em comum. As perguntas surgem, também, de hipóteses acerca dos diversos ambientes de sua convivência fora do contexto escolar. Logo, passam a destacar as suas certezas provisórias e dúvidas temporárias. São estas que encaminham todo o desenvolvimento da pesquisa.

Durante o desenvolvimento do *Projeto de Aprendizagem*, as dúvidas podem tornar-se certezas e as certezas podem gerar novas dúvidas, e é nesta busca que o projeto é reorganizado, replanejado, permanecendo a certeza até que um novo elemento provocador de incertezas e assimilação apareça.

Os registros são de grande importância no processo, especificando o que realmente faz parte da pesquisa. Quando feitos por meio das Tecnologias da Informação e Comunicação, principalmente os registros na Web, possibilitam um meio de integração entre a turma, pois permite a socialização de ideias e descobertas, e nas quais se observa nitidamente os caminhos já percorridos, assim como as possibilidades.

Vale ressaltar que no registro está a visualização do processo de construção do desenvolvimento e envolvimento de cada um e servem como avaliação de sua

própria aprendizagem. Nos *Projetos de Aprendizagem* são os alunos que vão em busca de conhecimentos, de descobertas e o professor se apresenta como um problematizador e orientador dos projetos dos alunos.

O aluno exerce um papel ativo de pesquisador. O *Projeto de Aprendizagem* se torna importante porque o aluno tem razões para ir em busca de informações. Quando realizado em pequenos grupos o trabalho fica enriquecido, há uma troca de informações entre os sujeitos do grupo e ou com outros colegas que participam de outros grupos de discussões.

Os alunos se envolvem neste processo de maneira diferenciada, e o professor deve ficar atento para que haja envolvimento de todos, mas respeitando a vontade de cada um. Para tanto, é preciso que haja o respeito na construção do conhecimento. O professor não sabe tudo, aprende com o aluno, incentiva o aluno a aprender e pensar. O aluno, por sua vez, não aprende sozinho e, sim, com o professor que o estimula e o auxilia no processo.

Os principais objetivos destacados num *Projeto de Aprendizagem* quanto ao professor é oportunizar ao aluno o enriquecimento do vocabulário, o desenvolvimento da expressão escrita, a valorização do educando na sociedade, a troca de ideias entre os pares, a construção do conhecimento no coletivo.

Quanto aos conteúdos, o que é uma preocupação constante dos professores, estes são explorados no tempo e ritmo de cada aluno ou grupo possibilitando a troca de conhecimentos entre os sujeitos. É importante observar que o final de um *Projeto de Aprendizagem* não significa o fim de um conteúdo, pois o mesmo poderá ser retomado em outro momento dependendo das dúvidas que surgirem.

A prática pedagógica, a partir da metodologia de *Projetos de Aprendizagem*, propõe uma nova realidade sob uma prática já construída e estabilizada, prevendo que professores e alunos se reconheçam como os responsáveis por qualquer transformação que se proponham a realizar (PEIXOTO, 2008).

Quando o professor se mostra disposto a inovar, despertando interesses e curiosidades dos alunos, permitindo-lhes questionar, perguntar e participar de decisões, contribui para se tornarem agentes de seus próprios conhecimentos. Esta inovação foi experimentada por mim e pelos meus alunos, detalhada e refletida nos capítulos que seguem.



### **3 CAMINHOS PERCORRIDOS**

Refletindo sobre a minha prática pedagógica realizada durante muitos anos onde eram transmitidos conteúdos pré determinados, organizados e planejados apenas por mim ou pela escola é que percebi o quanto era importante mudar essa metodologia tão tradicional. Por que a considero, hoje, tradicional? Porque ela não oferecia oportunidade aos alunos de questionar, indagar ou de participar das decisões e, deste modo, contribuir com suas ideias. Certamente, hoje percebo que muitas dessas ideias são mais importantes que simplesmente ouvir, escrever, responder e assimilar conteúdos.

No capítulo 4 detalharei a minha prática pedagógica, de maneira especial destaco os aspectos referentes ao planejamento das minhas aulas, assim como a execução dessas.

É através desta reflexão que me propus a inovar, realizando uma prática pedagógica com base em *Projetos de Aprendizagem* que tornasse minhas aulas mais interessantes e que meus alunos fossem agentes de seus próprios conhecimentos.

Relatarei a seguir o ambiente, os sujeitos que tiveram a oportunidade de participar desta experiência e a forma como foram registrados os dados.

#### **3.1 A Escola**

Realizei a pesquisa participante na Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora dos Navegantes, localizada na rua Oscar Nunes Machado, S/N, Bairro Lajeadozinho no município de Três Cachoeiras – RS.

A escola funciona em dois turnos: pela manhã das 8h às 11h e 50min com 2º e 3º anos, 4ª e 5ª séries (multisseriadas), e pela tarde das 13h e 15min às 17h e

5min, com o Pré-Escolar e 1º ano (multisseriadas), sendo composta de 55 alunos, quatro professoras, diretora, secretária e duas serventes.

Sua organização física se constitui de quatro salas de aula, biblioteca, sala da direção, refeitório, cozinha, banheiros feminino, masculino e para professores, playground, campos de futebol e de vôlei. Ainda conta com uma sala para a secretaria, onde possui um computador para uso exclusivo das atividades relacionadas à estrutura interna da escola. Além desse, possui um outro computador com acesso a internet discada e de difícil conexão, utilizado para o programa “Nota Solidária”<sup>1</sup>.

Apesar de possuir um número reduzido de alunos, toda a comunidade escolar sempre está envolvida na manutenção de uma boa infraestrutura que favoreça uma educação de qualidade a todos. Assim, no decorrer do tempo foram sendo adquiridos recursos que auxiliam o trabalho docente: copiadora, aparelhos de televisão, fax, som e DVD. Alguns destes foram adquiridos por meio de promoções, geralmente bingos, onde as mães colaboraram na aquisição dos brindes, outros foram adquiridos com o repasse do programa “Nota Solidária”. As salas de aula têm boa iluminação, cortinas, armários, ventiladores, quadro-negro e classes bem conservadas.

A população atendida é de classe média baixa; a maioria dos pais é agricultor ou caminhoneiro e as mães são “Do Lar”, ou seja, ocupam-se principalmente com trabalhos domésticos. Estes participam ativamente das atividades que são desenvolvidas na escola e na comunidade, principalmente quando são motivados pelos professores e pelos seus filhos. Festeja-se junto à comunidade datas comemorativas como o Dia das Mães com a participação dos alunos com as mães, professoras e funcionárias; a Festa Junina com a participação da comunidade local; o Dia dos Pais envolvendo os alunos com os pais, professoras e funcionárias; o Dia da Criança com a participação dos alunos, professoras e algumas mães geralmente dos alunos do Pré-Escolar e 1º ano.

Participam da Feira do Livro com visitas ao evento e encontro com os autores dos livros trabalhados anteriormente em sala de aula; atividades da Semana do

---

<sup>1</sup> Nota Solidária é um programa social do governo do estado do Rio Grande do Sul, que tem por objetivo auxiliar as áreas da educação, saúde e assistência social, destinando recursos para as instituições participantes. Para isso, a instituição efetua a digitação de documentos fiscais recebidos dos cidadãos e passa o arquivo via internet para a Secretaria da Fazenda. Informações podem ser encontradas no sítio do programa. Disponível em: <http://www.solidariedade.rs.gov.br/>.

Município como passeio ciclístico com a participação das pessoas da comunidade local; Desfile Farroupilha envolvendo os alunos e professoras.

A escola está sempre preocupada com a aprendizagem de seus alunos, por isso, quando necessita de um apoio recorre aos especialistas da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) para uma melhor avaliação do aluno e em parceria poder atingir uma educação de qualidade a todos.

A avaliação é realizada por meio de parecer descritivo, sendo cada aluno observado quanto à aprendizagem no que diz respeito à participação nos trabalhos propostos em aula, à leitura e compreensão de textos, à autonomia na realização das atividades, à produção de frases ou textos com coerência. Esta avaliação é observada diariamente e no final do trimestre é apresentada aos pais com entrega individual dos pareceres.

### **3.2 A Turma**

A pesquisa participante foi realizada na turma do 2º ano, da qual sou professora titular. São nove alunos, sendo três meninas e seis meninos, organizados em grupos por meio de sorteios escolhidos por eles para a socialização e interação dos alunos. Seguem o nome e a data de nascimento de cada um deles:

- Andrielly– 24/04/2002
- Élisson - 09/09/2002
- Guilherme– 09/10/2002
- Henrique– 21/09/2002
- Iris– 30/12/2002
- Marcéli– 21/12/2002
- Matheus– 07/11/2002
- Mikael– 01/06/2002
- Vinicius– 16/01/2003

Um aluno é descendente japonês, os outros alemães. A maioria deles mora em casa de madeira em boas condições, alguns bem próximos da escola e outros dependem da bicicleta para ir e voltar. São de família com renda mensal em torno de um a três salários mínimos. Especificamente temos: dois pais caminhoneiros, três agricultores, um funcionário público e três autônomos: montador de móveis,

proprietário de bar e outro que comercializa bananas. As mães são dedicadas ao trabalho doméstico.

Quando iniciei a pesquisa, dos nove alunos, apenas uma menina ainda não se encontrava alfabetizada e tinha dificuldades de se expressar quando o tema proposto estava em debate no grupo. Os demais eram bem participativos e já dominavam a leitura e a escrita.

As aulas eram organizadas com textos individuais e coletivos, fazendo uso de jogos e material concreto para atividades de matemática, confeccionados por mim e outros pelos alunos, conforme serão abordados de maneira mais específica no capítulo 4.

Os trabalhos dos alunos são expostos na sala de aula ou nos corredores da escola para que haja socialização de todos, em forma de cartazes, ilustrações, frases, e frequentemente são substituídos por novos trabalhos por eles elaborados.

## 4 COMPARANDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Quando iniciei meu estágio curricular organizei um planejamento que parecia ter uma estrutura diferente, mas, na verdade, não passava de uma mera repetição de atividades em que eu planejava e meus alunos apenas executavam. Percebi que estava desenvolvendo atividades do mesmo jeito que vinha realizando durante os anos que estive em sala de aula. Foi preciso uma reflexão acerca do meu trabalho para perceber que, para ter uma estrutura diferente, era preciso uma mudança que levasse meus alunos a aprenderem de uma forma diferenciada, uma vez que possuem suas individualidades e é necessário que se respeite essas diferenças.

Diante das reflexões que realizei, percebi a possibilidade de fazer diferente. Então, optei por desenvolver um trabalho baseado na metodologia de *Projetos de Aprendizagem*.

Durante o desenvolvimento do *Projeto de Aprendizagem*, observei que meus alunos estavam atentos a todas às informações que traziam respostas às suas inquietações, registrando os dados que julgavam importantes. Ao perceber a forma como realizavam estes registros e o interesse pela pesquisa, tornando-os autônomos, participativos e colaboradores com os colegas, surgiu para mim uma dúvida: *Por que uma prática baseada na arquitetura pedagógica de Projetos de Aprendizagem pode tornar a prática de sala de aula diferente?*

Optei, então, pela pesquisa participante e os meus registros diários das aulas foram os dados levantados. Investiguei a nova metodologia – *Projetos de Aprendizagem* - interagindo com meus alunos e aprendendo com eles. Ao mesmo tempo em que observava minha prática e fazia comparações com a forma de planejamento anterior, analisava a construção do conhecimento dos alunos que agora se mostrava diferente.

Desta forma, relato, neste capítulo, a minha prática pedagógica antes e durante a pesquisa, na qual pretendo detalhar fatos ocorridos nestes 30 anos de sala de aula e assim poder fazer comparações entre ambos que marcaram a minha vida profissional.

O quadro abaixo, mostra de forma sintética as diferenças destas práticas diante de alguns aspectos, estas que serão descritas de forma mais precisa nos dois próximos subcapítulos.

Quadro 1 – Comparação da minha prática pedagógica antes e durante o uso da metodologia de *Projetos de Aprendizagem*

|                         | <b>Prática pedagógica antes do uso da metodologia de <i>Projetos de Aprendizagem</i></b>  | <b>Prática pedagógica durante o uso da metodologia de <i>Projetos de Aprendizagem</i></b>   |
|-------------------------|---|---|
| <b>Planejamento</b>     | Organizado seguindo os conteúdos a serem desenvolvidos durante o ano letivo.  | Organizado seguindo as reflexões diárias, introduzindo os conteúdos conforme a necessidade do projeto.  |
| <b>Produção textual</b> | Relatos através de observações de gravuras, desenhos, resumo de histórias ou textos escutados, continuação de texto iniciado por mim. As produções de textos eram sempre individuais. | Síntese de leituras realizadas durante a pesquisa, registros no diário de bordo e no blog, questionários para entrevistas. As produções de frases e textos eram coletivas, discutidas pelos componentes do grupo. Respeito com a forma como cada um escrevia. |
| <b>Leitura</b>          | Textos de livros didáticos, cópias do quadro ou em folha  | Leitura de livros, revistas, pesquisa na internet, respostas das  |

|                                     |  |  |
|-------------------------------------|--|--|
|                                     | <p>mimeografada, livros de literatura infantil. Todos organizados pela professora e prontos para serem lidos.</p>  | <p>entrevistas realizadas durante a pesquisa, leitura dos blogs de outros grupos de pesquisa. Estas leituras surgiam da necessidade de cada projeto, de cada grupo.</p>  |
| <p><b>Interpretação</b></p>         | <p>Relacionada aos textos em forma de perguntas e respostas; opiniões individuais sobre algo relacionado ao texto lido.</p>  | <p>Compreensão dos textos lidos, com relatos em forma de síntese; realização de gráficos demonstrativos das entrevistas; mapas conceituais abordando conceitos e caminhos já percorridos.</p>  |
| <p><b>Conceitos matemáticos</b></p> | <p>Cálculos e histórias matemáticas envolvendo as quatro operações, noções básicas de figuras geométricas, aperfeiçoamento da sequência numérica sem estabelecer grandes relações dos números com situações práticas do dia a dia.</p> | <p>As quatro operações foram fundamentais nos jogos, na realização dos gráficos, entrevistas. Os números eram usados no reconhecimento de datas importantes dos fatos da história, contagem nas entrevistas, figuras geométricas usadas nos jogos e desenhos, maquetes realizadas a partir dos projetos.</p> |
| <p><b>Avaliação</b></p>             | <p>No início da minha prática, avaliava por</p>  | <p>Observação individual realizada diariamente por mim, atenta a</p>   |

|  |  |   |
|--|--|---|
|  | <p>meio de nota, fazendo uso de provas e trabalhos que verificavam os resultados das aprendizagens.</p> <p>Anos depois, por meio de Parecer descritivo; os alunos eram avaliados nas atividades propostas em sala de aula com registros de suas aprendizagens ao longo do trimestre, sem uso da prova.</p> | <p>participação, ao desenvolvimento da escrita, leitura e expressão oral; os alunos também realizavam uma autoavaliação realizando registros que mostravam a sua participação e suas aprendizagens.</p> |
| <p><b>O que os alunos aprendem</b></p> | <p>Sequência de conteúdos pré-determinados por mim. Conceitos isolados da realidade e interesses de cada aluno.</p>  | <p>Aprendem a aprender e a se tornarem sujeitos autônomos de seu próprio desenvolvimento. Os conteúdos são explorados de acordo com a pesquisa, relacionados inteiramente com os seus interesses.</p>   |

Os aspectos da minha prática pedagógica apresentados neste quadro refletem grandes diferenças. De modo geral, pode-se dizer que o que se realizava antes dos *Projetos de Aprendizagem* caracterizava-se como prática repetitiva, na qual prevalecia aquilo que eu determinava para ser ensinado; durante os projetos, apresenta-se uma prática inovadora, na qual os alunos são sujeitos de sua aprendizagem.



## 4.1 A prática pedagógica antes dos *Projetos de Aprendizagem*

Relatarei aqui, de forma mais detalhada, minha prática pedagógica antes do uso da metodologia de *Projetos de Aprendizagem*, seguindo os mesmos aspectos já abordados na tabela anterior.

### 4.1.1 Planejamento

Os planejamentos de aula eram preparados conforme o plano de curso da série, organizado no início do ano letivo, seguindo uma lista de conteúdos a serem desenvolvidos e os objetivos a serem alcançados durante o bimestre ou trimestre<sup>2</sup>. Havia uma preocupação em se cumprir o plano de curso, por isso, o planejamento procurava seguir todos os conteúdos pré-estabelecidos.

Durante o planejamento das minhas aulas, os objetivos a serem alcançados pelos alunos não faziam parte do registro escrito no meu diário de classe; nele constavam apenas itens, como:

- Leitura oral;
- Compreensão do texto;
- Produção textual;
- Cálculos;
- Histórias matemáticas.

Além destes exemplos, era colocado o nome do livro e a página onde o aluno deveria encontrar as atividades do dia (Anexo A). Sobretudo, nos primeiros anos da década de 1980, quando iniciei minha atividade profissional, os livros didáticos faziam parte significativa na escola por serem os únicos recursos que tínhamos para preparar nossas aulas.

Além de utilizá-los para o planejamento, serviam para organizar o plano de curso, pois se encontravam no livro do professor os objetivos, os conteúdos e as atividades relacionadas à série para desenvolver durante o ano. Minha prática pedagógica foi se tornando rotineira, pois a acomodação me fez repetir por vários anos as mesmas atividades. Por não encontrar, até então, outros recursos, planejava todos os dias da mesma maneira, trabalhando sem repensar a prática.

Participando de cursos de formação de professores que nos orientavam e proporcionavam novas propostas para desenvolver os conteúdos sem o uso apenas

---

<sup>2</sup> De 1981 a 2002, o ano letivo era dividido em bimestres. Após 2003, organizou-se em trimestres.

dos livros didáticos e investindo na aquisição de várias coleções de livros, o planejamento foi sendo reorganizado. Pensando, por exemplo, no aluno que repetia a série e que realizava as mesmas atividades, passei a planejar aulas relacionadas aos conteúdos da série, mas que já não eram as mesmas do ano anterior. Os livros didáticos existentes na escola passaram a ser usados como suportes pedagógicos e não mais como a única ferramenta.

#### **4.1.2 Produção Textual**

As produções textuais eram planejadas de várias formas:

- Um texto iniciado por mim, geralmente sem título na qual os alunos deveriam continuar a produção escolhendo o título que melhor se adaptasse com as suas ideias escritas;
- Contação de histórias e após ouvi-la cada aluno deveria produzir o seu texto;
- Gravuras na qual apareciam cenas distribuídas individualmente para escreverem o que estava sendo observado;
- Temas escolhidos livremente pelos alunos;

Nestas produções textuais uns alunos eram bem criativos, mas a maioria produzia textos muito curtos. Era preciso interrogá-los a cada parágrafo, como por exemplo: O que aconteceu? Para onde ele(a) foi? Como era o lugar? Como eram as pessoas?

Na correção das produções textuais se observava principalmente a escrita correta das palavras e a pontuação. Para corrigir havia um código para o aluno observar o que estava incorreto, por exemplo, se a escrita da palavra estava incorreta eles sabiam pelo código que era colocado abaixo da palavra; se o erro foi de pontuação se usava outro código e assim sucessivamente.

#### **4.1.3 Leitura e Interpretação**

Para alguns dias, os textos eram planejados seguindo o livro didático do aluno, para outros eram escritos no quadro ou em folhas passadas no mimeógrafo e seguia quase sempre a mesma ordem:

- Leitura silenciosa;
- Leitura oral;

- Estudo do vocabulário;
- Interpretação do texto.

O vocabulário vinha abaixo do texto quando era utilizado o livro do aluno. Liam o significado das palavras para compreender melhor o texto. Completavam as frases com as palavras do vocabulário e depois era realizada a leitura oralmente. Quando o texto era copiado do quadro ou em folhas, os alunos faziam a leitura silenciosa destacando as palavras consideradas desconhecidas, procuravam no dicionário o significado e realizavam então a leitura oral.

As interpretações dos textos eram retiradas do livro e escritas no caderno, copiada do quadro ou em folhas para responderem, com perguntas e opiniões relacionadas ao assunto do texto.

#### **4.1.4 Conceitos Matemáticos**

As atividades de matemática eram planejadas a fim de que os alunos memorizassem os conteúdos, sendo as quatro operações a base principal no desenvolvimento e na aprendizagem.

As quatro operações geralmente seguiam uma ordem iniciando pela adição, operação considerada mais fácil para os alunos compreenderem, depois a subtração, multiplicação e por último a divisão. Para essas operações, primeiro eram realizados muitos cálculos para depois resolverem as histórias matemáticas.

Quanto ao reconhecimento de numerais ordinais ou aperfeiçoamento da sequência numérica, os alunos avançavam conforme o reconhecimento dos mesmos, explorando-os sempre mais tanto na contagem oral quanto na escrita, sem me dar conta de instigá-los na utilidade dos números no dia-a-dia de cada um.

As figuras geométricas eram propostas para que os alunos aprendessem o quadrado, triângulo, círculo e retângulo. Era mais um conteúdo a ser trabalhado sem possibilitar aos alunos a contextualização deste conceito.

#### **4.1.5 Avaliação**

Houve um tempo em que os alunos eram avaliados através de provas escritas ou trabalhos que verificavam apenas o resultado das aprendizagens. As provas eram planejadas para verificar o que os alunos tinham assimilado dos conteúdos desenvolvidos, e que serviam também para aprovar ou reprovar.

As notas eram divididas por bimestre e no final do ano somavam-se as quatro e dividiam-se por esse mesmo número. Se o aluno atingisse 60% do peso total, estava aprovado. Posteriormente, os bimestres passaram a valer 20, 20, 30, 30 e a nota era cumulativa, atingindo o mesmo percentual de 60%, os alunos eram aprovados (Anexo B).

Em 2003, quando a avaliação passou a ser através de parecer descritivo, (Anexo C) eliminei as provas escritas - mas recolhia alguns trabalhos realizados individualmente - e o aluno era avaliado diariamente em todas as atividades que realizava. Observava muitos aspectos: a sua participação na realização de trabalhos em grupo, nas atividades recreativas e nas festividades da escola; a expressão da opinião sobre os assuntos relacionados ao tema em discussão na aula; a compreensão do enunciado, percebida por meio de respostas coerentes com o questionado; e autonomia, que se referia ao trabalhar individualmente, realizando corretamente as atividades propostas sem questionar muito o professor, considerada mais uma prática de silêncio.

Foram vários anos desenvolvendo uma prática bastante semelhante. As mudanças ocorridas neste contexto de planejamento são pouco perceptíveis e se referem especialmente ao processo de desprendimento do livro didático, a novas atividades, mas sempre relacionadas ao plano de curso, orientador de todos os conteúdos a serem desenvolvidos.

O ingresso no curso de Pedagogia à distância da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul possibilitou que eu repensasse e reorganizasse a minha prática. A culminância deste novo olhar se deu com o desenvolvimento de *Projetos de Aprendizagem*, relatado a seguir.

## **4.2 Um novo olhar sobre a prática: *Projetos de Aprendizagem***

Neste subcapítulo, abordarei minha prática pedagógica durante o desenvolvimento dos *Projetos de Aprendizagem* detalhando uma experiência nova para mim, para meus alunos e para a escola.

### **4.2.1 Planejamento**

No desenvolvimento do *Projeto de Aprendizagem*, os meus planejamentos se tornaram diferentes daqueles que realizei por muitos anos. No *Projeto de Aprendizagem* cada aula planejada tinha:

- Justificativa: levava-me a pensar o que poderia ser desenvolvido na aula e o porquê destas propostas;
- Conteúdos: não seguiam a ordem do plano anual de trabalho, mas eram adaptados conforme a necessidade em que o projeto ia se desenvolvendo;
- Objetivos: o suporte que me levava a planejar as minhas aulas, desejando que meus alunos construíssem aprendizagens e se sentissem desafiados a aprender;
- Desenvolvimento da aula: as atividades vinculavam os conteúdos e objetivos, facilitando o desenvolvimento e a minha organização. Era muito flexível, pois poderia seguir nova ordem de maneira contrária do que havia planejado, de acordo com a necessidade dos alunos;
- Reflexão: permitia uma visão do que fora realizado durante o desenvolvimento da aula, o que foi relevante. E ao mesmo tempo me auxiliava no planejamento para o próximo dia. Neste momento me permitia fazer uma avaliação do meu trabalho realizado em sala de aula e das necessidades dos alunos para planos de aula posteriores;
- Descrição de um fato do dia: ao mesmo tempo em que auxiliava meus alunos no desenvolvimento das atividades me preocupava em observá-los com mais atenção; igualmente observava os fatos que iam acontecendo, possibilitando aceitar os alunos na sua individualidade e respeitando mais suas diferenças. Por exemplo, uma aluna, na construção de uma maquete, quando questionada ao tamanho da sua casa em relação a do cachorro que era bem maior, conseguiu observar que não poderia ser assim, trocando ela mesma a caixinha que representaria a casa do cachorro por outra bem menor que a da sua casa; num outro momento, trabalhando com medidas, um aluno utilizou o estojo, o caderno e uma sombrinha para medir a sua mesa, mas no momento em que o questionei como ele deveria fazer para medir a metade da mesa guardou logo a sombrinha e o caderno, e utilizou apenas o estojo. Perguntei a ele o porquê daquela situação e ele respondeu que não dava para repartir no meio três coisas diferentes, dizendo ainda que com o estojo era mais fácil, porque dava para repartir.

### 4.2.2 Produção Textual

As produções textuais foram se tornando a cada dia mais importantes para os alunos, pois partiam deles o interesse em descrever suas ideias e os relatos importantes que iam surgindo durante o desenvolvimento da pesquisa.

As produções eram realizadas em forma de frases, textos individuais e coletivos. Isso permitia que cada aluno se expressasse no grupo, tanto de forma oral como escrita, cada um à sua maneira.

As produções textuais se encontravam nos registros dos blogs de parede, do diário de bordo, das cartas aos colegas, das perguntas para entrevistas, das sínteses das descobertas, das respostas aos colegas que os entrevistavam. Aqui vale destacar a forma como eram feitos esses registros em cada ambiente.

- Blogs na parede (Anexo D): os alunos observaram a estrutura de um blog na rede de Internet, e, seguindo a mesma base, construíram, com papel pardo na parede, um para cada grupo de pesquisa. Os registros escritos eram feitos de forma individual e coletiva, cada um escrevendo da sua maneira;
- Diário de bordo (Anexo E): os alunos faziam registros escritos de forma individual, destacando a sua participação na pesquisa, assim como algumas de suas principais aprendizagens. Servia também como prática de autoavaliação;
- Cartas: segundo a base de troca de e-mail, os alunos enviavam cartas aos colegas da sala ou para outras turmas utilizando uma caixa de correio (Anexo F). Estas cartas também auxiliavam a busca de dados importantes para o desenvolvimento do projeto;
- Sínteses (Anexo G): os alunos registravam de forma coletiva todas as descobertas da pesquisa, provenientes de pesquisa de campo, da busca em livros e revistas, de pesquisa na Internet. Escreviam espontaneamente e à sua maneira, sem ser preciso que eu os motivasse para isso. Os textos eram construídos de forma autônoma, uma expressão do quanto a prática de *Projetos de Aprendizagem* facilitava o desenvolvimento da escrita, respeitando o ritmo de cada um.

### 4.2.3 Leitura e Interpretação

As leituras realizadas pelos meus alunos foram retiradas de livros, de revistas, da internet, do blog do grupo ou dos colegas, das respostas às perguntas realizadas nas entrevistas, das visitas às salas de aula dos colegas de outras turmas, ou do

blog dos colegas que estudavam em turno inverso na mesma sala e que realizavam uma outra pesquisa.

Os alunos se sentiam motivados para as leituras porque dependiam dela para avançarem em suas pesquisas, irem em busca de suas descobertas e de suas curiosidades.

No início, os alunos destacaram os recursos que consideravam importantes para que suas curiosidades fossem descobertas e durante o desenvolvimento eu os instigava na busca de novas possibilidades para o avanço das pesquisas.

O interessante nesta nova abordagem, em relação ao planejamento das leituras, foi o fato de elas já não partirem apenas de mim. Eu colaborava na exploração dos textos que os próprios alunos elegiam para a pesquisa. Estes eram, sobretudo, um avanço conforme as necessidades de cada grupo em busca de respostas às suas curiosidades.

Quanto à interpretação de texto, os alunos passaram a realizá-la de maneira prazerosa, pois, indo em busca de suas curiosidades liam e realizavam relatos que lhes interessavam a partir dos textos que tivessem relação com o que pesquisavam. Eles partiam de suas interpretações diante dos textos que encontravam para responder as suas inquietações, agora não mais com respostas às perguntas formuladas por mim.

As interpretações eram discutidas no grupo, relatadas de forma individual ou coletiva e postadas nos blogs de parede. Nesse espaço, registravam-se, de maneira especial, as sínteses das descobertas, às vezes com frases, outras, com produções maiores.

Ao lerem um texto, procuravam compreender as informações ali presentes e que possivelmente contribuiriam para a pesquisa; no entanto, apenas as novidades eram postadas, já que algumas vezes se repetiam os mesmos dados ou certezas já existentes.

#### **4.2.4 Conceitos Matemáticos**

Os conceitos matemáticos foram planejados conforme as necessidades para o desenvolvimento da pesquisa e as quatro operações foram exploradas por meio de jogos, mas principalmente na organização das entrevistas realizadas durante o desenvolvimento do projeto de pesquisa, conforme detalhado abaixo:

- Adição: era praticada na soma dos resultados de cada pergunta e respostas elaboradas nas entrevistas;
- Subtração: foi realizada quando tiveram que relacionar as diferenças das respostas de cada pergunta elaborada nas entrevistas;
- Divisão: foi necessária na realização do campo de pesquisa distribuindo a cada participante do grupo as quantidades de entrevistados, a distribuição das respostas quanto as que mais tinham relação entre si;
- Multiplicação: foi realizada no momento que os alunos observavam e juntavam as respostas dos entrevistados quando havia duas ou mais respostas iguais;
- Números ordinais: foram reconhecidos no momento em que os alunos foram instigados por mim a observarem os blogs, registrando no diário de bordo uma síntese do que haviam sido realizados até o momento, colocando os acontecimentos em ordem cronológica;
- Numerais: o reconhecimento destes foi sendo ampliado conforme foram aparecendo na pesquisa, por meio de análises de dados relacionados às pesquisas de campo, contagem dos dados registrados nos gráficos (Anexo H), nas leituras realizadas nos textos que indicavam o ano dos acontecimentos da história;
- Figuras geométricas: quando construíram uma maquete (Anexo I) para observação do espaço de pesquisa de campo, foram sendo exploradas a forma das caixas, das casas, telhados.

#### **4.2.5 Avaliação**

A avaliação aconteceu através de parecer descritivo, a partir das minhas observações, e o aluno participava de sua avaliação através dos registros no Diário de Bordo, onde registrava, com entusiasmo, aquilo que considerava suas maiores e mais significativas aprendizagens. Sentia-se comprometido com o progresso de sua pesquisa, e assim, motivava-se para os registros, pois estes eram resultado de seu envolvimento, participação e aprendizagem. Se havia registro no Diário de Bordo é porque, anterior a este momento, houve descoberta.



Para mim, era possível acompanhar, nestes registros, a escrita, observando, por exemplo, a ampliação das frases, a organização das ideias e a compreensão dos resultados da pesquisa discutidos e trabalhados até então.

Foram observados aspectos relacionados à autonomia dos alunos em realizar a sua pesquisa, no sentido de compreensão e participação no processo. Isso envolveu a busca de materiais dentro e fora da escola, organização do blog até o lançamento de novas perguntas, mostrando-se, assim, alunos pesquisadores.

## 5 ANALISANDO MINHA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Descrever minha prática pedagógica é permitir-me a uma retomada do trabalho que realizei durante estes 30 anos em que estou em sala de aula, sempre planejando da mesma maneira, buscando atividades prontas, em que os alunos apenas pudessem responder aos enunciados, mas que fossem relacionados aos conteúdos que me caberia desenvolver durante o ano letivo.

Esta retomada não serviu apenas para descrever o que fiz na minha prática pedagógica, mas foi uma observação e entendimento do porquê da minha prática se apresentar desta maneira. Quando iniciei meu trabalho como professora, na escola todos faziam deste modo, pois era considerada naquela época a melhor maneira de ensinar. Recebi orientações dos colegas professores que era preciso obter respeito dos alunos e que o professor tinha que saber tudo a respeito do conteúdo trabalhado.

Observando o que Veiga (1989: 19) fala da prática repetitiva, na qual o professor e sua prática tem por base leis e normas pré-estabelecidas, sem preocupação alguma com a realidade, muito menos com espaço para uma prática de reflexão, percebo que por muito tempo atuei desta maneira, mas nunca tinha pensado ou analisado em que se baseava a minha prática de sala de aula.

Hoje, através das reflexões realizadas, entendo que a minha prática pedagógica sempre teve leis e normas pré-estabelecidas onde eu apenas precisava executá-las, repetindo ações sem reflexões da prática. Diante desta consideração percebo que a prática adotada por mim pode ser considerada a partir da definição da autora como *repetitiva*. Nela, eu pretendia que os trabalhos realizados pelos

alunos apresentassem resultados, no mínimo, parecidos, como repetição ou imitação do meu modo de fazer.<sup>3</sup>

Entretanto, mesmo que minha prática já estivesse pré-estabelecida por órgãos competentes, posso afirmar que sempre tive uma preocupação com a aprendizagem de meus alunos, considerando a realidade de cada um. Aqui a realidade era vista apenas do ponto de vista familiar e comunitária, as quais instigavam meus planejamentos no sentido de propor trabalhos que procurassem ir ao encontro de experiências e acontecimentos locais.

Com o passar do tempo, algumas reflexões foram sendo feitas acerca da prática pedagógica que se desenvolvia na minha sala de aula, e ao tentar fazer diferente tive a necessidade de refletir sobre o que precisaria ser mudado. Posso dizer que a esta necessidade de mudança, Veiga (1989: 19) chama de prática reflexiva, onde não seguiria modelos prontos, mas os teria como base para possíveis mudanças.

Neste mesmo sentido, segundo Souza (2010), esta também pode ser chamada prática de inquietação, provocando o professor à mudança, interrogando as práticas até então realizadas. Acredito que esta seja a melhor definição para explicar a mudança de prática que se apresentou para mim, ao realizar a pesquisa participante, na qual eu e os meus alunos caminhamos juntos.

Uma prática pedagógica precisa ser definida para depois ser refletida. Foi preciso registrar para que pudesse refletir sobre o que estava sendo vivenciado na minha sala de aula, assim como foi necessário também eleger prioridades de uma prática que se mostrasse diferente do que vinha realizando.

Tendo a ideia do que queria mudar e de quais eram as necessidades dos meus alunos, optei pela arquitetura pedagógica de *Projetos de Aprendizagem* e presenciei uma prática diferente em sala de aula. Ainda que resistente, fiz a mesma reflexão de Fagundes (1999) ao observar as diferenças entre ensino por projeto e aprendizagem por projeto, fazendo a opção de trabalho pela segunda proposta.

Minha prática se tornou diferente porque foi fundamentada pela reflexão a partir de uma proposta que prevê a aprendizagem autônoma, fazendo uso das Tecnologias da Informação e Comunicação como forma de socialização de descobertas e construção do conhecimento. Com esta proposta, apresentei-me

---

<sup>3</sup> Segundo Ilma Veiga (1989), na *prática pedagógica repetitiva* basta ao professor repetir o processo prático quantas vezes queira, provocando também a repetibilidade do produto.

como professora problematizadora e orientadora e os alunos como pesquisadores de seus próprios interesses (FAGUNDES, 1999).

Percebo que é possível uma escola diferente, que permite aos alunos imaginar e criar, ser agente de seu próprio conhecimento; uma escola que permite falar, ser solidária, contextualizada; afinal, é mais importante descobrir caminhos do que repeti-los. Um conhecimento novo só é construído se alguém souber agir e problematizar. Trata-se, na verdade, de uma pedagogia que acredita que a aprendizagem é um processo e, acima de tudo, construção.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de tantos anos sem refletir sobre a minha prática pedagógica, apenas pensando num planejamento que permitisse que meus alunos aprendessem, sem considerar as diferenças e os ritmos de cada um, foi que me desafiei a experimentar algo novo.

Baseada na metodologia de *Projetos de Aprendizagem*, que prevê um aluno autônomo em suas aprendizagens, me coloquei como professora que deveria assumir as posições de orientadora e de desafiadora dos meus alunos.

Durante o desenvolvimento dos *Projetos de Aprendizagem*, vivenciamos, eu e meus alunos, um espaço de construção de conhecimento onde todos foram autônomos e felizes diante de tantas descobertas prazerosas.

Muitas mudanças foram acontecendo, os conteúdos foram sendo explorados e a leitura e a escrita se desenvolvendo, sem que estas práticas estivessem desvinculadas do projeto de pesquisa que estava sendo desenvolvido. Os alunos assumiram uma posição de pesquisadores, trazendo para o diálogo de sala de aula informações muito precisas acerca do que pesquisavam. Eu fui desafiada a aprender com meus alunos e tive a oportunidade de observar minha prática pedagógica agora com uma nova dúvida.

Esta dúvida se transformou na proposta desenvolvida aqui no meu trabalho de conclusão, através da pergunta: *Por que uma prática baseada na arquitetura pedagógica de Projetos de Aprendizagem pode tornar a prática de sala de aula diferente?*

Hoje percebo que a diferença esteve inteiramente ligada à forma como me propus a mudar, refletindo erros e acertos, observando as bases em que estava fundada minha prática de tantos anos. Percebo também a diferença na metodologia

adotada por mim e pelos alunos, todos assumindo o papel de construtores de seu próprio conhecimento.

A prática de *Projetos de Aprendizagem*, aqui refletida e dialogada com outros autores é a resposta de uma prática de sala de aula tão diferente, analisada sob suas características particulares. Ela se mostrou diferente em metodologia e na experiência real com meus alunos.

O *Projeto de Aprendizagem*, por partir da curiosidade e desejo de descobrir dos próprios alunos, tornou-se uma prática prazerosa, tanto para eles quanto para mim. Foi possível observá-los crescendo em autonomia - tanto na busca de leituras relacionadas a sua pesquisa, quanto na coleta de dados, percebida na criação de questionários e entrevistas -, na organização das ideias e capacidade de síntese revelada na escrita.

Além disso, nesta nova prática, os conteúdos iam sendo adaptados conforme o desenvolvimento do *Projeto de Aprendizagem*. O planejamento das aulas partia daquilo que os alunos ou os grupos apresentavam como necessário para o avanço de suas pesquisas, assim explorando melhor os conteúdos.

Como professora, esta prática permitiu que eu descobrisse que os alunos, ao desenvolverem um projeto tendo como tema principal as suas curiosidades, a aprendizagem se torna mais significativa, pois se sentem desafiados a irem em busca de respostas para suas inquietações.

Compreendi que a prática pedagógica deve ter como base uma teoria que orienta o trabalho realizado em sala de aula, mas acima de tudo, que deve ser sempre refletida. Foi possível, durante o desenvolvimento do *Projeto de Aprendizagem*, comprovar que são essas reflexões que provocam a mudança.

## REFERÊNCIAS

FAGUNDES, Léa da Cruz, MAÇADA, Débora, SATO, Luciane. **Aprendizes do futuro**: as inovações começaram. Coleção Informática para a Mudança na Educação. Brasília: SEED, MEC, PROINFO, 1999.

PEIXOTO, Joana. **A inovação pedagógica como meta dos dispositivos de formação a distância**. EccoS. v. 10, n. 1, p. 39-54, 2008.

SOUZA, Maria Antônia de. **Prática Pedagógica**: conceito, características e inquietações. Disponível em <http://ensino.univates.br/~4iberoamericano/trabalhos/trabalho024.pdf>. Acessado em 29 de novembro de 2010.

VEIGA, Ilma Veiga Alencastro. **A prática pedagógica do professor de didática**. Campinas: Papyrus, 1989.

## ANEXOS

### ANEXO A - DIÁRIO DE CLASSE

14-05-09

Quinta-feira

→ Oração

→ chamada

→ Correia sobre a comunidade

→ A cada lugar citado da comunidade, questionamentos sobre o que se faz nesses lugares.

→ Desenhar um lugar e colocar o nome do seu jeito.

→ Brincadeiras envolvendo direita e esquerda. (Amarulinha)

→ Os Pedacos do meu nome e das colegas.

At. da Minha Vida pág. 8



## ANEXO B – BOLETIM ESCOLAR

| CURRÍCULO POR ATIVIDADES |             |             |             |             |           |                         |                 |
|--------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-----------|-------------------------|-----------------|
| ATIVIDADES               | 1º BIMESTRE | 2º BIMESTRE | 3º BIMESTRE | 4º BIMESTRE | RESULTADO | Recuperação Terapêutica | RESULTADO FINAL |
| Português                | 16          | 16          | 24          | 23          | 79        | -                       | 79              |
| Estudos Sociais          | 17          | 17          | 21          | 24          | 79        | -                       | 79              |
| Ciências                 | 15          | 16          | 21          | 27          | 79        | -                       | 79              |
| Matemática               | 18          | 13          | 18          | 25          | 74        | -                       | 74              |
| Ensino Religioso         | 18          | 18          | 25          | 26          | 87        | -                       | 87              |
| FALTAS                   | -           | -           | 01          | 02          |           |                         |                 |

## ANEXO C – PARECER DESCRITIVO DE DESEMPENHO ESCOLAR

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL NOSSA SENHORA DOS  
NAVEGANTES - LAJEADINHO – TRÊS CACHOEIRAS – RS

Aluno (a): H  
Ano: 2º ano  
Professora:

Turno: Manhã  
Diretora:

Ano: 2010

**Parecer descritivo do 1º trimestre**

O aluno **H** vem demonstrando um excelente desempenho. É dedicado, caprichoso, organizado e concentrado nas tarefas propostas. Demonstra atitudes de respeito, solidariedade e carinho para com todas as pessoas com quem convive na escola, especialmente seus colegas quando necessitam de ajuda.

Pergunta sempre que tem dúvidas e expressa sua opinião, contribuindo para o seu crescimento e o de seus colegas. Destaca-se por envolver-se, com prazer, nas atividades artísticas e esportivas. Tem facilidade em aprender e esforça-se para entender os enunciados de cada tarefa e manter-se no lugar até terminar o que tem a fazer.

Produz textos com sequência de ideias e criatividade, e sua leitura está muito boa, por isso, continue lendo muitos livros de historinhas, o que o ajudará também na interpretação de outros textos e no aperfeiçoamento da escrita.

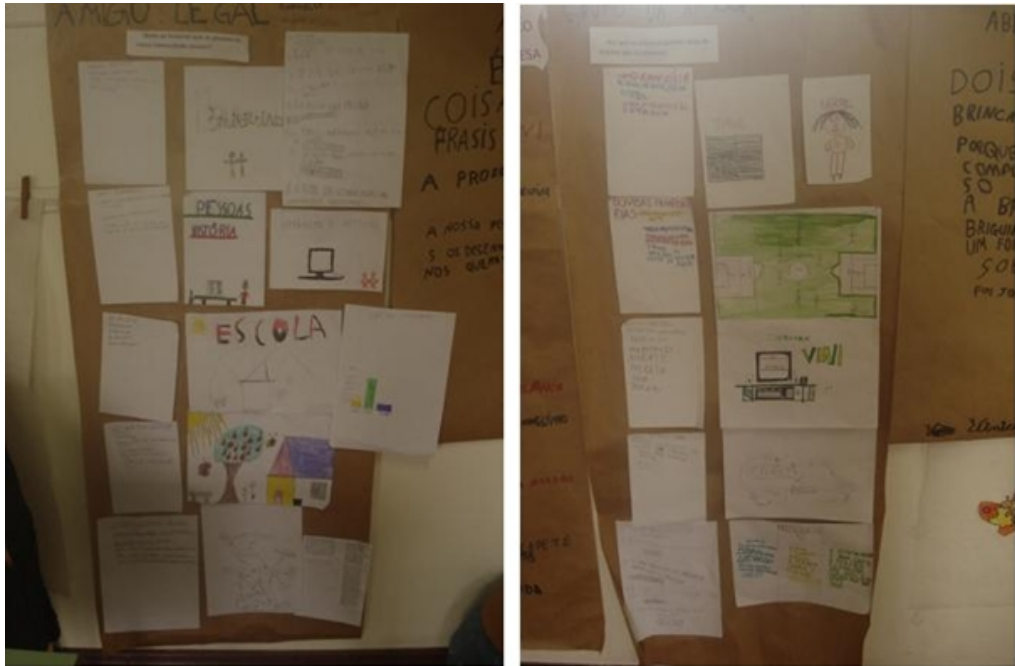
Sua letra é bonita. Deve praticar a escrita cursiva ao realizar seus trabalhos, prestando atenção na utilização de letras maiúsculas no início de frases e em nomes de pessoas e lugares.

Interpreta com clareza histórias matemáticas que envolvem as quatro operações (adição e subtração simples e noções de multiplicação e divisão), compreende o processo de composição e decomposição dos numerais, realizando a leitura e escrita destes e identificando o antecessor e o sucessor, além de ter facilidade em cálculos mentais que envolvem números pequenos e decimais.

Demonstra compromisso com as tarefas de casa, apresentando-as sempre no dia solicitado.

Mantenha o interesse pelos estudos para que seu desempenho seja cada vez melhor. Confio em ti!

ANEXO D – BLOGS NA PAREDE DA SALA DE AULA



## ANEXO E – DIÁRIO DE BORDO



## ANEXO F – CAIXA DE CORREIO DA SALA DE AULA



## ANEXO G – SÍNTESES DAS PESQUISAS DOS PROJETOS DE APRENDIZAGEM

A GENTE ESCOLHEU A PERGUNTA PARA  
A PESQUISA, SOBRE HISTÓRIA.  
A PERGUNTA É QUAIS AS HISTÓRIAS  
QUE AS PESSOAS DA NOSSA COMUNIDADE  
CONTÃO?

E DEMOS O NOME DO BLOG AMIGO

LEGAL. NÓS JÁ SABIA

QUE HISTÓRIAS EXISTEM

AS HISTÓRIAS FORÃO SÓ  
FALADAS E IMAGINA DAS

AS PESSOAS GOSTÃO DE OUIR

HISTÓRIAS PORQUE APRENDE E  
DA ALEGRIA

A GENTE IMAGINA

AS HISTÓRIAS SÃO ACONTECIMENTO DO PASSADO

TEM HISTÓRIAS NOS LIVROS NOS JGIBIS REVISTAS NA BIBLIA NO COMPUTADOR  
E NA TV

HISTÓRIA NA ESCOLA HISTÓRIA DO PASSADO HISTÓRIA DA NOSSA VIDA

HISTÓRIA DA NOSSA COMUNIDADE HISTÓRIA DE FUTEBOL HISTÓRIAS DE  
CONTOS DE FADA

JA FIZEMOS A ENTREVISTA SOBRE HISTÓRIAS

FIZEMOS AS PERGUNTAS PARA O OUTRO GRUPO

AS PESSOAS CONTAM HISTÓRIAS PARA AS CRIANÇAS APRENDEREM PARA AS CRIANÇAS  
APRENDER A LER E APRENDER A GOSTAR DE LER APRENDER LETRAS DIFERENTES

A HISTÓRIA É IMPORTANTE

A HISTÓRIA É HISTÓRIA ENGRAÇADA

A HISTÓRIA É IMPORTANTE

NÓS APRENDEMOS AS HISTÓRIAS DA NOSSA COMUNIDADE  
COMUNIDADE

DE CONTÃO A QUE MAS CONTA É PASSEIOS FATOS DA  
NOSSA INFÂNCIA E FATOS DA VIDA EM FAMÍLIA

EXPERIÊNCIA DA VIDA E NOTÍCIAS COISAS QUE SEU FILHO  
FAZ

FRASIS

primeira nos pensamos em uma  
pergunta para nossa pesquisa e

essa pesquisa foi resolvida sobre o  
futebol e essa pergunta e

porque os meninos gostam mais de  
jogar futebol que as meninas  
Agente da Rádio de algumas

certezas por isso

• algumas meninas

jogam futebol

os meninos jogam

futebol e futebol existe

porque o futebol é justo  
 porque he divertido  
 porque é um esporte  
 porque é legal  
 porque é um esporte  
 divertido  
 mas não é o futebol  
 de cabeça dos soldados  
 no que o futebol é  
 na China não podia  
 deixar a bola cair  
 no chão e a  
 goleira era duas  
 etapas e a rede era de  
 arame.  
 a bola na japão  
 feita de fibra de bambu  
 e o campo era  
 quadrado era  
 paralelo um costar  
 e a grama era  
 feita de lúpulo de bar.com  
 arroz e trigo  
 o campo era retangulo  
 com o corles milles  
 foi trazer para a  
 Inglaterra e trouxe  
 as regras da jogo  
 de futebol.



## ANEXO H – CONSTRUÇÃO DE GRÁFICOS



## ANEXO I – CONSTRUÇÃO DE MAQUETES E OBSERVAÇÃO DE FIGURAS GEOMÉTRICAS

